

Homenagem ao Professor Pedro Lisboa (1924-2011)

R. Duarte

Médico Internista / Diabetologista da Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal

Falar do Professor Pedro Lisboa é falar de uma personalidade fascinante, de um homem profundamente humanista, com uma cultura e uma inteligência muito acima da média, mesmo considerando os seus pares. Como homem e como médico foi um grande exemplo de rectidão, solidariedade para com o próximo, honestidade e frontalidade. Como tanto gostava de se definir, foi um Mestre para todos os que com ele privaram e que optaram por ser seus discípulos. E em todos os seus discípulos deixou uma marca de profunda amizade e admiração. O Professor Pedro Lisboa era uma daquelas personalidades que é necessário conhecer no convívio mais directo para nos apercebermos que por trás da sua assumida vaidade, se escondia uma profunda humildade perante o Conhecimento e a Ciência e que por trás de uma personalidade muitas vezes histriónica se revelava uma enorme capacidade de auto-crítica e lucidez. Amigo dos seus amigos, incapaz de um gesto ou atitude de inveja, sempre frontal e capaz de mudar de opinião quando reconhecia a razão aos outros, o Professor Lisboa foi um exemplo, como muito poucos, de relacionamento pessoal e profissional com os seus colaboradores.

Como um dos seus discípulos, tive o privilégio de com ele aprender e partilhar a Clínica e o conhecimento da Diabetologia desde o início dos anos 80 até à sua retirada da vida activa já no início deste século. Com ele e com o Dr. Jorge Caldeira, o seu discípulo mais directo e meu tutor na especialidade médica que escolhi (a Medicina Interna e, muito em particular, a Diabetologia), partilhei os muitos avanços que aconteceram no tratamento dos doentes com diabetes (o ensaio das primeiras insulinas humanas; o início da utilização da Hemoglobina A1c na avaliação do controlo metabólico e a sua introdução no Hospital de Santa Maria onde trabalhávamos; o autocontrolo glicémico etc...) e dentro da nossa actividade formadora: - o 1º Curso pós-Graduado de Prática clínica da Diabetes para médicos e enfermeiras; a criação do Ciclo de Estudos Especiais em Diabetes e, finalmente, a publicação do “nosso” livro de Diabetologia Clínica.

Com o Professor Lisboa muito aprendi e, ainda hoje, me recordo como lições permanentes na minha vida de clínico, por exemplo:

- O desejo constante de actualização e aprendizagem e como ele gostava de repetir que tão ignorante é o jovem saído da Faculdade que tudo sabe o que aprendeu nos livros e pouco ou nada viu de doentes na vida real, como o velho clínico cujo saber é apenas de experiência feito e não se actualiza nos seus conhecimentos teóricos. E era assistir ao



modo como bebia os conhecimentos que lhe eram transmitidos pelos jovens internos de uma nova especialidade médica (nesse caso, a Reumatologia) durante as visitas na enfermaria hospitalar que chefiava.

- O seu espírito visionário e clarividente que o fez estar sempre na linha da frente da necessidade do controlo metabólico na diabetes, mesmo em tempos anteriores ao DCCT e UKPDS e que o levou a pregar a necessidade do controlo da Tensão Arterial na diabetes para valores inferiores aos, então clássicos, muito tempo antes dos cardiologistas “acordarem” para a diabetes e para tensão arterial abaixo dos 130 ou 140/80...

- A sua devoção ao “seu” Mestre Roma e à “sua” APDP e ao modo como integrava a Educação do doente com diabetes numa atitude de autocontrolo diário (a pesquisa inicial das glicosúrias e, depois, das glicemias; a contagem dos hidratos de carbono e a adaptação da medicação feita pelo próprio doente) numa antecipação do que mais tarde se convencionou chamar de “Empowerment”.

- O seus exemplos e aulas extremamente demonstrativos e inesquecíveis das manifestações da hipoglicemia, da neuropatia diabética e dos dramas de verdadeiras histórias clínicas ou, melhor ditas, histórias de vida de alguns dos seus doentes.

Etc...etc...

A verdade, é que ainda hoje, muitos de nós que com ele aprendemos, repetimos as suas frases, exemplos e conselhos junto dos nossos doentes.

Muito e muito mais se poderia contar do Professor Pedro Lisboa acerca da sua dimensão como clínico e pedagogo mas nada melhor que o testemunho escrito de uma das suas doentes e a leitura do capítulo final do "Diabetologia Clínica" para melhor homenagearmos a memória de um dos últimos mestres da Medicina portuguesa.

O MEU TESTEMUNHO

Isabel Falcão Cunha

«...Chamo-me Isabel, tenho 42 anos e tenho diabetes desde os 5 anos de idade.

Já foi publicada uma carta minha na página das cartas dos leitores da Revista da APDP aqui há uns anos (Isabel Falcão Cunha).

Agora estou novamente a escrever porque soube do falecimento do Dr. Pedro Eurico Lisboa e qualquer coisa em mim me fez sentir a necessidade de homenagear a sua memória. Continuando a minha história, sou diabética desde os 5 anos de idade e desde logo a minha mãe procurou o Dr. Pedro Lisboa, que me seguiu por mais de 20 anos (apesar de na altura residir em Trás-os-montes e as viagens serem muito longas).

O que eu tenho a dizer sobre o Dr. Pedro é que ele foi um segundo pai para mim.

É verdade que tinha um feitio por vezes difícil mas (compreendi-o mais tarde) isso devia-se à sua determinação em que aprendesse o que ele tinha a ensinar. E devo dizer que os ensinamentos dele me seguiram toda a vida.

Só para dar uns exemplos da sua dedicação aos doentes e do seu sentido humano vou relatar duas coisas:

A primeira aconteceu na primeira consulta que eu tive com ele. Como já referi, eu tinha 5 anos e ele tentou explicar-me a doença que eu tinha. O que eu fixei naquele momento foi o facto de que tinha uma doença que não tinha cura e que tinha que dar "picas" para o resto da minha vida. Acho que nenhuma criança gosta de picas.

Lembro-me que na altura, enquanto olhava para ele fixamente, as lágrimas me começaram a cair em grande abundância. O Dr. Pedro olhou para mim muito sério e deixou-me chorar e gritar durante um bocado. Depois, com um ar muito autoritário disse-me: "Chora agora tudo o que tens a chorar porque eu te garanto que nunca mais vais chorar em toda a tua vida pelo facto de seres diabética. Se aprenderes tudo o que eu te vou ensinar e conseguires orientar a tua vida em função desses ensinamentos, tenho a certeza que vais ter uma vida longa, produtiva e feliz e a diabetes não te vai impedir de fazer nada."

E teve o Dr. Pedro razão. Na verdade nunca mais chorei por ser diabética e, até agora (já lá vão quase 40 anos) tive uma vida produtiva e feliz e continuo sem nenhuma complicação devida à diabetes.

Nunca tive tratamento hospitalar devido à diabetes porque, quando alguma coisa estava fora do normal eu fazia o que o Dr. Pedro me tinha ensinado. Sempre tive uma vida cheia e preenchida e só me lembro que tenho diabetes quando dou a insulina ou tenho que fazer os normais exames de rotina.

Tirei o curso de Direito e sou advogada, casei e tenho uma filha linda e saudável.

A segunda aconteceu quando eu tinha 8 anos.

Em uma outra consulta o Dr. Pedro achou que estava na altura de eu me começar a injectar a mim própria, porque nessa altura ainda era a minha mãe que o fazia.

Eu fiquei um pouco assustada. Então ele pegou numa seringa com a respectiva agulha (sem insulina) puxou a camisola dele para cima e colocou-me a sua própria barriga à disposição para eu treinar.

E desde essa altura eu comecei a dar a mim própria as injecções de insulina.

A última vez que eu estive com o Dr. Pedro ele já tinha mais de 80 anos (fui em visita) e ele disse-me: "Sabes Isabel, já estou velho, daqui a nada vou morrer". Eu olhei para ele e fiquei espantada porque senti que isso nunca ia acontecer, não podia acontecer.

E, na verdade, apesar de, depois disso, ainda terem passado alguns anos até ao seu falecimento, a verdade é que o Dr. Pedro não morreu porque a sua vida de trabalho dedicada à diabetes e aos seus doentes, a intensidade da sua personalidade, a sua determinação em educar os seus doentes, a sua força de vida, ficará sempre na memória de quem o conheceu. Um grande beijinho à sua família e a todas as pessoas que, como eu, ficaram marcadas pela sua existência marcante...»

NOTA FINAL

Capítulo Final do Livro "Diabetologia Clínica", Lidel, 2002

"A escola diabetológica do Hospital de Santa Maria"
Pedro Eurico Lisboa

"Desde 1947 que temos tentado tornar o paciente e/ou a sua família responsável pela vigilância do seu peso e dos testes urinários e pelo seu tratamento (dieta e acerto das doses de insulina e dos comprimidos)... utilizando "um extenso programa de educação... tanto oral, como por escrito, individualmente e por grupos... as variações do tratamento eram feitas diariamente ou mesmo a meio do dia... Estas variações são possíveis com a ajuda de uma folha de registo sinóptico ("a log") preenchida cuidadosamente pelo diabético... a qual era verificada e discutida nas consultas médicas..."

Jean Pirart, 1977

"O tratamento intensivo incluiu a administração de insulina três ou mais vezes por dia ou bomba de perfusão. As doses eram variadas de acordo com os resultados da autovigilância da glicemia, pelo menos quatro vezes por dia e com as variações da dieta e do exercício... consultas mensais... contacto telefónico ainda mais frequentemente..."

DCTT, 1993 (Relatório de 5/6 anos de ensaio)

Portanto: terapêutica dinâmica em variação permanente.

Em 1963, largámos as nossas funções na Direcção Clínica da APDP e viemos "criar escola própria" no Hospital de Santa Maria, iniciando a Consulta de Diabetes para, depois, evoluir

para a actual Clínica de Diabetes e Nutrição com quadro próprio.

É, desde sempre, nossa convicção firme que uma eficaz terapêutica da diabetes tem de ser dinâmica e não estável, pois tem de estar em permanente adaptação correctiva do desequilíbrio metabólico em constante variação. Por isso é que julgo ser nossa principal contribuição, a continuação e desenvolvimento do autocontrolo da diabetes que iniciámos com Sá Marques na APDP.

O preenchimento e correcta utilização pelo diabético de uma adequada Folha de registo sinóptico da autovigilância e terapêutica, a qual é, depois, discutida com o seu médico na consulta, é a base fundamental da nossa maneira pedagógica de clinicar que pretende ter a Educação do Diabético como "marca identificadora".

É, pois, a nossa, uma clínica baseada numa relação pedagógica com o diabético, a quem se dê um ensino oral e escrito, individual e colectivo, este, em "Lições" na Sala de Espera/Aula que, tal como na APDP de Ernesto Roma, demonstram factualmente ser a consulta uma Escola.

A educação do diabético desenvolve-se em três tempos. O primeiro: de ensino intensivo, seja do comportamento seja da informação que o justifica. O segundo: da prática guiada até ao hábito. O terceiro: de acompanhamento perpétuo do diabético para actualização dos conhecimentos e práticas e, sobretudo, para o diabético se "não desabituar"...

Quando, vinte anos depois de assim termos começado a tratar diabéticos, lemos o trabalho de Pirart (leia-se a citação na introdução deste capítulo) lá encontramos muito do que fazíamos e que por ele era praticado com um decénio de antecipação. Mas a controvérsia continuou até que, finalmente, pelo menos para o diabético do tipo 1, o DCTT "arrumou o assunto" em 1993: a terapêutica eficaz tem de ser permanentemente variável e a disponibilidade telefónica é dela parte importante.

Para além desta técnica pedagógica de clinicar, nós definimos efectivamente como "escola" porque temos um comportamento clínico uniforme, resultante de todos termos aprendido uns com os outros, e num harmónico consenso. Desta Escola destacamos as seguintes "marcas":

- Autovigilância pela pesagem corporal e medição da cintura/anca; pelas pesquisas da glicosúria do levantar e de um período de três ou mais horas pós-prandiais das três principais refeições, valorizando os zeros (pesquisas negativas); pelas pesquisas oportunas da cetonúria; pelas pesquisas da glicemia capilar; pelo registo em mapas sinópticos que permitem a estatística das glicemias e percentagem dos zeros da glicosúria cada 25 dias.

- Assistência médica da directa responsabilidade dos diabetologistas do quadro (nenhum está dispensado...) sendo os médicos estagiários subordinados a um deles e o seu trabalho por ele tutorizado.

- Disponibilidade assistencial telefónica. Obrigatória no início ambulatório da insulino terapia e no primeiro tempo da Educação, do ensino intensivo e sempre, em qualquer momento, importante.

- Dieta "À Roma", com cálculo só da ração hidrocarbonada

e só semi-quantitativo e com a ração calórica corrigida a posteriori pela evolução ponderal e sempre fraccionada pelo mnimo de seis refeições.

- Biguanidas (hoje só metformina) de primeira opção no diabético do tipo 2 com excesso de peso.

- Na falência secundária dos antidiabéticos orais, ensaio, como primeira opção seguinte, da terapêutica mista pela associação de insulina em baixas doses.

- No diabético tipo 1, insulino terapia em múltiplas injeções com variação das doses (quando a dieta e o exercício não variaram, claro...) conforme o efeito da correspondente injeção da véspera, ainda que também valorizando (mas muito menos!...) a glicemia capilar do instante.

- Valorização da neuroglicopenia sem pródromos vegetativos como complicação iatrogénica *major* no tipo 1 e, eventualmente, no tipo 2.

- Reconhecimento da importância da prevenção/tratamento das neuroglicopenias e treino do diabético insulino dependente na "adivinha" da glicemia, o que não só lhe permite sentir as grandes hiperglicemias que devem atrasar a refeição mas, principalmente, antecipar muitas hipoglicemias, logo prevenidas pela oportuna ingestão de açúcar.

- Autocontrolo da diabetes pela auto-vigilância e oportuna autovariação da terapêutica.

- Exigências atenuadas quanto ao equilíbrio metabólico na primeira infância e no idoso e, eventualmente, na adolescência, quando a sua crise o justificar.

- Assistência multidisciplinar "sob o mesmo tecto" (Oftalmologia, Neurologia, Obstetrícia, Nefrologia, Cardiologia, Cirurgia, Urologia, Dermatologia).

- Consulta de Educação Alimentar para alargamento aos não diabéticos da dietoterapia correctiva do excesso ponderal do diabético tipo 2, seu primeiro e principal tratamento. Coerentemente, a consulta está também aberta, ainda que com muito menos procura, à educação alimentar correctiva da magreza idiopática.

Inserida num hospital universitário, desde sempre que a Clínica de Diabetes e Nutrição colaborou no Ensino Médico. Numa tradição que vinha de antes, demos, regularmente, lições sobre Diabetes nas cadeiras clínicas de ambas as escolas médicas de Lisboa a convite dos seus catedráticos e, logo nos primeiros anos da consulta, começámos a ter médicos estagiários voluntários.

E assim, provavelmente, continuaríamos não fora a Departamentação do Ensino de Medicina em 1975. Fomos, então, convidados pela Faculdade de Medicina a organizar, no ensino departamentado, um Curso de Diabetologia. Este Curso, bem como as Jornadas de Diabetes pela Província e, mais tarde, o Curso de Pós-Graduação e, finalmente, o recente Ciclo de Estudos Especiais, tudo resulta da disponibilidade ou mesmo iniciativa e, depois, responsabilização de vários membros da Clínica, que não o seu chefe e são mais uma manifestação clara de sermos "escola", de actividade consensual e responsabilidade colectiva. Inicialmente hesitante, foi ao sentir-me apoiado e estimulado pelos colaboradores que aceitei as várias iniciativas a que, depois, obviamente, dei o melhor de mim próprio.

Assim é que, em 1975, iniciámos, com a colaboração dos professores das cadeiras básicas e clínicas relacionadas com a Diabetes, um Curso multidisciplinar de Diabetologia que no ano seguinte, se tornou Curso Livre Anual sob o patrocínio de um Regente de uma Cátedra Clínica da Faculdade de Medicina. De incio, foi o Professor Frederico Madeira e, desde 1976, foi o Professor Fernando de Pádua - a cujo Serviço está subordinada a Clínica de Diabetes e Nutrição. O Ensino de pós-graduação foi praticado desde incio não só com os estágios voluntários de médicos que nos procuravam mas também com as habituais deslocações à Província já iniciadas com Sá Marques e Castel Branco na APDP.

Em 1985, iniciámos um Curso Anual de Pós-Graduação na Prática Clínica da Diabetes o qual tinha, então, para o País, originais características. E um ensino participado com os médicos/estudantes em trabalho de grupo, sob a moderação de um docente, a estudarem e resolverem casos clínicos discutidos em pormenor. Não há avaliação final mas presença obrigatória e os docentes é que são avaliados.

Em 1994, realizou-se o 1º Ciclo de Estudos Especiais de Diabetologia oficial (Despacho no Diário da República).

É um estágio programado, prático-teórico de um ano que dá uma especial competência em clinica diabetológica.

Em 1994 jubizou-se o fundador, mas a Escola continuou com os discípulos e os discípulos dos discípulos em sucessivas gerações:

- Jorge Caldeira, João Baptista Lam, Odette André, J. M. Bragança Parreira;
- Luísa Sagreira, Piedade Lopes da Silva, Francisca Fernandes, Loff Barreto;
- Rui Silva Duarte, Estevão Pape, António Victal, João Barcelos;
- Madalena Eurico Lisboa, Alda Jordão, Rosa Gallego;
- Etc, etc.

("É o trabalho produtivo para a Sociedade que paga os verdadeiros honorários do médico, devolvendo à Sociedade o tempo que ele gastou só em benefício do doente...").

P. Eurico Lisboa, 2002

CURRICULUM VITÆ

O Sr. Prof. Pedro Lisboa desenvolveu durante a toda a sua vida clínica, intensa actividade na área da Diabetologia, não só no tratamento do diabético como também na formação pré e pós-graduada.

Criou em 1963, no Hospital de Santa Maria, a Consulta de Diabetes, assegurando a assistência diabetológica quer ao diabético internado em todo o Hospital e também a todo o ambulatório, incluindo a grávida e a criança.

Com a Departamentação do Hospital em 1976, criou a Clínica de Diabetes e Nutrição com quadro próprio.

Com estas condições foi responsável pela formação diabetológica de Endocrinologistas, Internistas e Clínicos Gerais.

De entre muitos outros nomeamos:

Luís Sobrinho
 Conceição Pereira
 Valeriano Leite
 João Raposo
 Maria Margarida Loureiro
 Francisco Rosário
 Jorge Portugal
 Marieta Rebelo
 Teresa Dias
 Garcia e Costa
 Luísa Cortesão
 Jácome de Castro
 Ema Nobre
 Zulmira Jorge
 Ana Brázio
 Carlos Godinho
 João Guerra
 Loff Barreto
 Isabel Ramoa
 José Guia
 Isabel Osório
 Madalena Lisboa
 Teresa Faro
 Paula Valente
 Alda Jordão
 Mariete Sá Nogueira
 Laurinda Pereira
 João Barcelos
 Cristina Esteves
 Raquel Cavaco
 Vera Matias
 Cármen Marques
 Fátima Monteiro
 Ana Maria Gonçalves
 Ana Gonçalves
 Rui Pombal
 Marina Pereira
 Fátima Pinto
 Fátima Diegues
 Alexandra Fernandes
 Sérgio Serra
 Rosa Gallego
 Maria Manuel Duarte
 Rita George
 Jorge Manuel Pronto
 Exaltina Sobral

E os seus discípulos:

João Lam
 Jorge Caldeira
 Odette André
 Bragança Parreira
 Luísa Sagreira
 Piedade Lopes da Silva
 Rui Duarte
 Estêvão Pape
 António Victal

e.....

A formação pós-graduada em Portugal iniciou-se com a Diabetes. Desde 1969, Pedro Lisboa, inicialmente com Sá Marques e Nuno Castel' Branco e depois com os seus discípulos, percorreu o país divulgando os aspectos clínicos da diabetologia: Porto, Braga, Vila Real, Bragança, Viseu, Guarda, Coimbra, Aveiro, Leiria, Santarém, Tomar, Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja, Faro, Portimão, Funchal.

Cursos Pré-graduados

Além da colaboração nas Cadeiras do Curso de Medicina organizou desde 1975 Cursos anuais dedicados aos alunos do 4 e 5º anos da Faculdade.

São Cursos de 30h com avaliação final e creditados pela Faculdade.

Cursos Pós-graduados

Desde 1975 que é responsável pela realização do Curso anual de Prática Clínica da Diabetes essencialmente dedicado à Clínica Geral e Familiar e desde 1985 subdividido em 2 cursos: Curso de Prática Clínica de Diabetes e Curso de Educação Diabetológica dedicado à Enfermagem.

Com uma frequência média de 100 formandos e 30 horas, são dois cursos com interacção entre médicos e enfermeiros.

Súmula Curricular

Nasceu a 10 Julho de 1924

Termina o Curso de Medicina em 1948 com 18 valores, a mais elevada classificação do curso.

Graduado de Medicina em 1953.

Adjunto do Director Clínico da APDP em 1957

Estágio no Charles H. Best Institute, Toronto em 1961

Estágio na Joslin Clinic, Boston em 1961

Chefe de Equipa do Serviço de Urgência do H. S. Maria em 1963

Cria a Consulta de Diabetes do H. S. Maria em 1963.

Responsável pela Clínica de Diabetes e Nutrição, criada em 1976

Eleito Membro do Conselho da EASD em 1976.

Doutoramento em Medicina com distinção e louvor com o trabalho sobre Hemossiderose experimental em 1979

Professor Associado em 1980

Professor Associado Convidado em 1983

Coordenador do Programa CINDI PORTUGAL em 1986

Prelector convidado no Curso "Diabetes Update" paralelo ao Congresso Mundial da IDF em Viena, 1979 com o Tema "A Educação do Diabético"

Sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Hemorreologia em 1986

Sócio fundador do "Mediterranean Group for the Study of Diabetes" em 1987

Membro do Conselho Executivo do "Mediterranean Group for the Study of Diabetes" em 1987

Sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Diabetologia em 1987

Vice presidente da SPD em 1988

Presidente da SPD em 1992

Prémio Rotschild

Prémio Alberto Mc Bride

Prelector em múltiplas Reuniões Científicas Nacionais e Internacionais

